



GIL VICENTE

Semanario Monárquico-Integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da J. M. Integralista Local
Redacção e Administração:
AVENIDA DO COMERCIO



VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arpepones
Me pegaron á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascosnes*
VÁQUEIRO

Director, D. José Ferrão
Administrador e Editor, Domingos F. Guimarães
Secretario da Redacção, M. A. d'Oliveira
(a quem deve ser dirigida toda a correspondência)
Composto e impresso na TIPOGRAFIA TIRSENSE
Rua Sousa Tropa, 49—SANTO TIRSO

Os portugueses que se amam

Quando o Integralismo Lusitano ha bons pares de anos, iniciou a sua existencia na politica, o tom das suas afirmações e a energia dos seus combates provocaram na massa da opinião uma irritação que se graduou em prurido simples na epiderme dos alistados nas fileiras monárquicas, e se exacerbou na encorreada pele dos defensores da republica.

Parecia a uns e a outros inaudito arrôjo que em pleno seculo vinte alguém acudisse a proclamar as verdades da reconstrução tradicional e organica da Nação. Havia-se como dogma toda a obra de 1834, que servia de alicerce ao Constitucionalismo e á Republica.

O Integralismo estava nesse tempo enquadado (embora como unidade distinta, por força dos seus principios) na massa geral do partido monárquico ao qual o prendiam o reconhecimento do sr. D. Manoel como rei e a necessidade actual da luta contra a Republica.

Aquele primeiro laço evitava afinidades dele com os velhos e lógicos fieis do Legitimismo, para quem a questão dinastica da concorrencia do segundo ramo bragantino não representava mais que uma consequencia fatal dos seus principios doutrinários em politica. Só aquela ligação era ponto de divergencia, e tanto assim que (como aconteceu com quem estas linhas redige) uma notavel parte da mesma Geração Nova, católica, contemporanea nas bancadas coimbrãs, dos mais proeminentes condutores intelectuais do Integralismo se achava por outro lado, distanciada deles, por causa da questão do nascente Centro Católico que sobrepunha a independencia da Igreja á causa dos partidos e guerreava e guerreia o Liberalismo que sob a dupla forma monárquica e republicana, levanta no meio politico o *politique d'abord* como regra absoluta — e o *politique d'abord* leva direito á supremacia do poder civil, o grande argumento do regalismo e da separação laica, implicando do mesmo passo um prejuizo agnostico (*il n'ya pas besoin de croire*, dizia Maurras no *Avenir de l'Intelligence*).

Porque aquela ligação dinastica com D. Manoel era o cordão umbilical que arrastava o Integralismo para a *confusão dos seus campos* com os do constitucionalismo, transportando-o de uma posição de extrema direita a uma convizinhação *prática* com a republica — quando ela se partiu ou quebrou, aconteceu ao Integralismo o que acontece ás varas d'aço quando a mão que as incurva, se desprende: ele voltou á sua vertical posição de equilibrio estavel.

Nesse momento (um momento importantissimo e transcendente na vida do paiz) os campos definiram-se pelos

seus limites naturais: as *ideias* e não as *atitudes pessoais*. Aqueles que viviam a meias aguas foram forçados á opção definitiva, obrigação a que, para mais, o desastre fraudulento da insurreição cartista, vinha dar um relêvo frisantissimo.

Desde então, os campos a descoberto, as soluções patenteadas, *portugueses* para um lado, *mestiços* para o outro, o problema nacional esclareceu-se. Monsanto e o Porto não foram apenas cruéis lições desenganadoras para monárquicos; foram-no tambem para republicanos.

Pode dizer-se que a partir dessa hora repercutida por longa extensão na Historia Pátria, *os portugueses tornaram-se a amar-se*.

A corrente de *acção nacional* ou *nacionalista* tomou vulto na Republica, quando Trindade Coelho se postou á cabeceira dela, em nome do programa partidario de 91, rasgado aos pedaços pelos politicos servis e velhacões da Constituinte, que quizeram a todo o custo fazer da Republica um Constitucionalismo tumultuario e incompetente sem Rei. A politica de realisações económicas e financeiras, com base municipal e provincial, revivendo o sonho federalista a que só a Monarquia Orgânica pode dar o fecho de abóbada de um Chefe Hereditário, *livre e responsavel*, reinando e governando, *com as classes e não contra as classes* — essa politica de que o jornal *A Patria* veio a fazer-se tuba defensora, foi a sequela das iniciativas criticas e doutrinárias do filho talentosissimo do extraviado autor do *Manual Politico*.

O Integralismo libertado, pelo Pacto vergonhoso de Paris, de compromissos de ordem dinastica, é hoje, ainda melhor, aquilo que pretendia ser: uma *escola* de doutrinação intensa dos principios da Acção Nacionalista.

A palavra *Nacionalismo* já não assusta. Duas forças aberradas foram até buscar o adjectivo para colorirem pretensões de clientela: o *Nacionalismo Integral* coimbrão, que é uma espécie de isca constitucional monárquica aos integralistas mal seguros que têm a vista do anzol dos *conselheiros* pizarráceos e polícarpicos; e o recémnado *Partido Nacionalista* que é outra isca lançada aos companheiros, mal convencidos, de Trindade Coelho, que têmam o anzol do partidarismo *histórico* que monopolisou a Republica.

Os campos estão definidos. E no campo dos portugueses, ás mãos, perante a *Realidade Orgânica e historica da Nação* (familia, classes, Corporações de Trabalho e Inteligencia, Municipios, Provincias, Estado) podem estender-se mesmo por de cima das bar-

reiras, muito embora de uma banda as premissas conclúam, como para nós, pela *Unidade Real*, e de outra elas rematem pela *Pluralidade Federalista*.

Entre ambas, no Exercito, num pensamento esbrazeadamente heroico de sacrificio, ha duas figuras que *sentem* a convergencia das duas forças, curvas de uma só ogiva: Anibal de Azevedo e Ferreira do Amaral. Viu-se como ambas se tocavam, no dia 1 de dezembro passado, perante o *perigo do imperialismo hespanhol*.

Quem poderá pois, negar agora que os *portugueses tornaram a amar-se?* deante dos mestiços, do Liberalismo, monárquico e republicano, que se esfaqueiam... por não caberem todos á meza, como sugestivamente explicava Junqueiro no *postfácio da Pátria?*...

Francisco Veloso.

A organização monárquica do trabalho

As descobertas scientificas determinaram modificações radicais nos processos das industrias. O vapor e a electricidade anulando as distancias e reduzindo ao minimo as dificuldades das comunicações crearam uma especie de consciencia universal em que as ideias perpassam com a violencia das ondas heterisianas.

Estas transformações deviam actuar sobre o pensamento dos homens, saídos do periodo semibarbaro da idade-média e banhados pela luz projectada pelo clacissimo da Renascença.

Admirados da sua propria obra, julgaram-se semi-deuses.

Dominando o poder fulminador dos raios, capturando as energias da terra e do ar, sujeitando os elementos, reconheceram em si proprios o centro, o fulcro da vida.

Na cegueira da sua incomensuravel vaidade não viram que o que a sua inteligencia lhes dava em conhecimentos era pouco, nada, comparado com a obra maravilhosa e incognoscivel da reacção. Que os mundos, os elementos, as proprias forças magneticas, o misterio da vida e da morte, eram regidos por leis que não podiam aprender. Que a propria formação dos aglomerados humanos se submetia a determinantes que não eram do seu alcance. Que a vida social obedecia ao propicio geral da reprodução da especie e que para esta poder perpetuar-se eram indispensaveis instituições que a enquadrassem, a familia, a propriedade, a religião, etc.

Os homens, porem, proclamaram a independencia e a superioridade do seu pensamento, mero reflexo dos imponderaveis fenomenos que os circundavam.

Disseram-se livres e mofaram do sobre-natural.

Em vez de utilizarem essa faculdade que Deus lhes deu de utilizarem os percursos multiplos da natureza em beneficio dos seus semelhantes, em função de caridade, serviram-se deles para instrumento de guerra e morte.



EM VOLTA DO ENCOBERTO

*Envolve-me na lenda do Passado
As longas azas do lilás Mistério...
Eu vejo um Reyno feito cemitério
E um grandioso Throno esfacelado...*

*Que é feito Real Senhor do Quinto Imperio?...
Escutai este povo amargurado
Que se vê só, de Vós, abandonado,
Vivendo de saudade, em pranto eterio!...*

*O' Rey da Saudade e da Esperança,
Vinde acudir á Grey que não se cança
D'invocar vosso nome universal...*

*Vinde depressa, vinde oh Encoberto!
Que o dia do Resgate já vem perto...
Não tarda a libertar-se Portugal!*

Ruy Galvão de Carvalho.

(Do livro em prep.: «Paiz da Lenda e de Mistério»)

O individuo passou, segundo eles, a sêr a unidade social em contrario das proprias leis naturais da sua criação.

Despresando a lei de Deus, começou a agir ao sabôr dos seus instintos e das suas paixões.

Destruiu o edificio antigo das sociedades, em vez de o adoptar ás modalidades do progresso científico.

O desagregamento da sua moral passou para o campo profissional.

A comunidade de interesses que até aí o ligava aos seus companheiros de trabalho, julgou-a aviltante e proclamou-se igualmente livre.

A sua liberdade depressa se tornou em escravidão... Desaparecidas as leis morais que regiam as sociedades, entregues os homens á sua liberdade de agir, o capitalismo formou-se nas sociedades modernas á custa da miseria e da impotencia das classes trabalhadoras.

Daí nasceu essa especie de odio que se manifesta entre o braço que executa e o cerebro que comanda, entre o operario e o seu chefe, feito de angustia e de exacerbada resignação, de desvairamento e de revolta. O aspecto particularista desta questão e o curso das ideias politicas dominantes não deixaram que de um lado ou de outro se procurasse, em nome desses mesmos principios de fraternidade que apregoavam, uma solução justa e equitativa para esse difficil problema.

Complexas causas politicas determinaram uma reacção contra esse estado de coisas, da qual se formou a teoria da «luta das classes» que, assente nos mais anti-naturais fundamentos, ganhou facilmente os espiritos, ou nunca foi contraditada seriamente por egoismo ou por covardia.

As consequencias fatais dessa teoria estão actualmente no seu maximo acume, podendo arrastar-nos até ao regresso a uma barbarie em que (pobre sonho

utopico do proletariado inconsciente) o trabalho seja mais penoso do que o era noutras eras para os escravos.

A experiencia está feita. Porque não arripiar caminho?

Nada ofereceremos de novo. As nossas teorias fomo-las buscar á applicação dos mais modernos metodos scientificos. Não de repudiá-las porque neles se encontra analogia com o que existia no passado? Quereis melhor demonstração á posterior?

Em que existe a diferença? 1.º — No campo politico perderei um fantastico direito de soberania que se quizerdes atentar nele reflectidamente vos causará riso.

Deixareis de confiar a um cavalleiro que não conheceis a missão do em vosso nome pronunciar enciclopedicamente sobre todos os assuntos publicos, desde a mudança da hora ao mais complicado problema de engenharia e até á promulgação de medidas que vos oprimam moral e materialmente, para incubirdes um homem da vossa profissão que conheceis e que terá convosco permanente contacto para no municipio da vossa linda terra se occupar dos vossos interesses legitimos, como são a defeza do patrimonio e a prosperidade comum. Nessa assembleia em que a politica tal como a conheceis não tem lugar, vereis esse vosso representante junto de outros homens bons que a sua função social ali chamará para que todos os assuntos possam ser tratados com proficiencia.

Disse-vos que não havia politica e vejo-vos sorrir incrédulos, a vós que fostes educados nos principios da lei do maior numero. Quando se não tem o fetichismo dessa doutrina, a quasi unanimidade de pareceres faz leis, até para aqueles que discordam, quando se exgota a discussão, que de ante-mão se sabe não vir a ser sujeita á decisão final do numero, representativa

de interesses nem sempre legítimos. Sintetisam-se, então, os pontos de discordância e submetem-se à entidade hierárquica superior que desempenha um papel de arbitragem: o Governador da Província ou o respectivo Conselho. E se vos não parecesse ainda justa a resolução, o Rei decidirá com o parecer dos seus Conselhos técnicos.

As vossas questões gerais seriam ainda levadas à Assembleia Nacional.

2.º — No campo profissional tereis o vosso sindicato, onde vos ocupareis dos assuntos que vos interessam e os vossos delegados unir-se-ão com os dois sindicatos dos vossos patrões e dos vossos chefes, para um trabalho comum.

A base desses sindicatos será formada por um só grupo profissional; isto é, cada indústria agrupará todos os agentes que nela cooperam. Assim podereis estudar em comum e com perfeito conhecimento de causa as dificuldades que tiverdes e desvanecer os vossos desacordos.

Mas essa formação não ficará aí. Todas as uniões de sindicatos profissionais da vossa terra serão representadas num conselho económico local, que além dos vossos delegados será composto por pessoas com a capacidade precisa para coordenar os vossos esforços e nivelar os vosso interesses.

Cada indústria com as suas características próprias será ainda representada em cada Província por uma federação dos sindicatos dessa indústria.

Os delegados dessas Federações farão parte do Conselho Económico Provincial.

Deste Conselho e dessas Federações sairão os representantes dos interesses económicos na Assembleia Nacional.

A co-relação de todas estas funções trará para a vida nacional uma era de paz social que só poderá ser perturbada por discórdias e por inimigos do bem-comum, esses facilmente reprimíveis.

Trabalhareis de comum acordo com os vossos patrões ou chefes, cujo interesse é idêntico ao vosso. Esse interesse é o do resurgimento do país e o da produção nacional.

Vivereis tranquilos porque tereis deixado de absorver o veneno da política e deixado de ser um juguete nas mãos dos políticos; as vossas aspirações e ambições não ultrapassarão os limites de justiça que facilmente reconheceréis.

As vossas dissensões serão, por uma disciplina que facilmente consentireis, resolvidas rapidamente e por meios suasórios.

Alcançareis sem dar largas a instintos sanguinários, sem atentar contra a ordem social, um bem maior do que esse que procurais naquilo que sem saber o que significa chamais «a ditadura do proletariado».

O que vos pedimos, trabalhadores de Portugal?

Bem pouco. Somente que abandoneis as perversas ideologias dos vossos guias espirituais, que vos decidais a realizar uma revolução em que sem destruir os bens e as vidas dos homens, vossos irmãos, antes, pacificamente, por simples acto da vossa vontade e do vosso coração, prepareis a grandeza futura da vossa terra, que nada será sem o vosso esforço.

Desprezai a política e os seus aventureiros.

Nós não somos políticos no sentido em que hoje se toma esta palavra.

Organisai a política do trabalho sem destruir o que na ordem social é indispensável como condição do progresso.

O futuro dar-vos ha melhores dias do que os amargurados que ides passando.

Ruy de Nisa.

Festas Gualterianas

Por iniciativa da prestante Associação Comercial, desta cidade, vão realizar-se este ano, com o esplendor dos preteritos, as tradicionais Gualterianas, que tanto nome e glória deram á nossa terra. O valôr que para nós, Vimaraneses, representa a realização das nossas tradicionais Festas, só por si, é já de todos conhecido, tornando-se desnecessário inumerá-lo. Mas ha mais. E' a realização da Exposição Industrial e Agrícola do Concelho que, certamente, ha de constituir uma imponente manifestação da nossa vitalidade.

Guimarães é, por excelência, a Terra da Tradição e do Trabalho. Mas se estas duas faculdades grandiosas representam algo de valioso, muito de valioso até, é necessário juntar-lhe mais um outro dote imprescindível: a Iniciativa, que requer também o mutuo auxilio de todas as classes e camadas sociais. A Tradição evoca na nossa alma todos os grandiosos feitos dos nossos antepassados illustres, varões assignalados que tudo sacrificaram em holocausto a Deus e á Patria. Berço da nacionalidade, Guimarães é uma terra cheia de recordações historicas que teem affirmado, pelos seculos em fóra, todo o valor de uma Raça embrionaria que preparou, com o seu esforço épico, os alicerces maravilhosos da nossa maravilhosa Epopeia.

Terra do trabalho, Guimarães precisa também da Iniciativa para que os frutos do seu Trabalho sejam mais profucios. Para tal estão naturalmente indicadas as Exposições. Aí se poderá admirar todo o valôr do nosso esforço e da nossa vontade.

Festa do Trabalho lhe chama a illustre Direcção da Associação Comercial.

Festa do Trabalho lhe chamamos nós, lhe devem chamar todos os Vimaraneses.

E' pois preciso passar das palavras aos factos. E' necessario o auxilio de todos para que a iniciativa da Associação Comercial resulte proveitosa. Que todos saibam corresponder ao apelo que lhes é feito na circular que passamos a transcrever.

Por Guimarães, pelas Gualterianas, seja hoje e sempre a divisa de todos os Vimaraneses.

Ex.^{mo} Senhor

Guimarães, centro de um dos mais importantes nucleos da população de Portugal, terra de fecunda iniciativa e de trabalho, vai realizar a sua **Exposição Industrial e Agrícola do Concelho**.

Vai fazer a afirmação documentada, nesse brilhante e magestoso certamen, do que é e do que vale em todas as manifestações da sua actividade intelectual, da sua industria e da sua agricultura, clara demonstração do valor e da vitalidade deste rincão de terra portuguesa, florida nos sonhos dos seus artistas, dos seus poetas, das suas lendas, das suas fidalgas tradições e da sua vida intensa de labor quotidiano de povo trabalhador e bom.

E para que essa verdadeira **Festa do Trabalho**, por ser esta a virtude que sobre todas caracteriza a nossa gente, se revista de atractivos que, unindo se aos encantos da nossa paisagem incomparavel e ao tocante ensinamento das nossas velhas pedras de heroismo e amor patriótico, prendam e atraiam os viajeiros e os turistas, ela coincidirá com as tradicionais **Festas Gualterianas**, este ano resurgidas com o esplendor que tam justificada fama lhes granjeou.

Para isso a direcção da Associação Comercial de Guimarães pede, para a subscrição que vai iniciar, o acolhimento generoso de todos os vimaranenses e de todos os habitantes desta cidade e concelho que sempre têm compreendido o alto significado destas manifestações de actividade local e que são sempre ditas por um vivo amor á nossa terra, onde vibra sempre com emoção o grande sentimento de brio e patriotismo.

Guimarães, 15 de Janeiro de 1923.

A Direcção,

Lêde e propagai o "Gil Vicente,,.

Conselheiro João Franco

Passou no preterito dia 14 o anniversario natalicio do Excelentissimo Senhor Conselheiro João Franco, a quem Guimarães tanto deve.

Estadista prestigioso, que tão altos e assinalados serviços prestou á Patria durante o reinado do saudoso Rei D. Carlos I, Sua Excelencia é crédor da estima de todos os Vimaraneses, pela dedicação que sempre consagrou á nossa terra.

Por tal motivo, foi-lhe enviado o seguinte telegrama:

"Junta Municipal Integralista e Jornal Gil Vicente saudam calorosamente V. Ex."

D. José Ferrão."

Ao correr da pena

Só os tolos, e os maus, não querem ver a grandeza moral das nossas vastissimas doutrinas de grandioso alcance filosófico e politico. E porque não querem ver, não deixam que os outros vejam, isto é, aqueles espiritos mais um pouco desempoeirados da bilis da metafísica revolucionária, que tudo desagrega e tudo corrompe. Há mais de um século que os palradores das teorias do sonho igualitário se veem esiaifando em arremedos de eloquencia barata contra os eternos e basilares principios das Monarquias e da Igreja Católica. E que teem conseguido, essas criaturas, que vão até á guerra contra a constituição da família, querendo fazer-nos convencer de que a sociedade é o individuo?

Pobres de raciocínio, ôcos de intelligência, os eméritos doutrinadores das massas analfabetas, apenas chegam á conclusão lógica de que é tempo já de não mais andarem a mentir ás multidões com os seus cantos de seireia encantando-as cinicamente com as lóas criminosas da liberdade, da igualdade e da fraternidade!

Fizeram o seu tempo a verborreia do comício e a da tribuna parlamentarista, e já hoje não é possível convencer as classes do contrário. Foram cem anos de efémeros sonhos, tão duramente experimentados, que, se dos muitos que a Morte levou do mundo, embora as suas memórias não sejam esquecidas, podessem voltar á face da Terra, exclamariam apavorados e cheios de terror: «Fomos criminosos! Não creiais nas nossas ideologias! Criamo-las á nossa imagem e semelhança! Marat embebedou-nos com o sangue das suas vítimas; e nós, que então eramos livres, fomos carrascos e escravos! Compreendei-nos?! Carrascos, porque vos azorramos! Escravos, porque nos mataram!... Vítimas do mesmo mal, que julgavamos um—bem—, só sereis felizes quando restaurardes o imperio da Autoridade Real, porque Divina como é, as suas leis são eternas—as da Monarquia e as da Igreja!»

Seria isto mesmo o que os Mortos, se viessem á face da Terra, te diriam, ó multidão ignara, confiada ainda—quem sabe lá?—nas fantasias dos falsos deuses a sonharem poderio e grandezas sobre as misérias da família e da sociedade.

Tudo faliu! Faliu igualmente os apóstolos do povo soberano e com eles a velha matrona que tornou desgraçado um Povo e uma Pátria—a Democracia! Positivamente é só o Nacionalismo a esperança do Futuro porque só êle compreende e satisfaz a todos as necessidades do Reino e das suas pequenas republicas.

Domingos Ribeiro.



Dos nossos mestres

"**H**UM Governo Representativo á moderna he hum seguro degráo para a Democracia. Parece que hum Governo Representativo contenta os Reis, e enganão-se os Povos. Quando nos vem dizer que assim se coarcta o Poder de hum só, he para darem aos mesmos Povos hum centenar de Tyranos. O irrisorio Dogma, ou sofisticico principio da Soberania da Nação, que he a primeira das contradicções, ou o primeiro dos absurdos, he também a primeira móla das revoluções. Em nome da Nação se comettem todos os attentados pela mesma Nação, e fica escrava dos facciosos, a mesma que se acredita soberana no Throno.

Se a facção revolucionaria em França poz o Pai no cadafalço, como poderá, sendo a mesma, conservar no Diadema o Filho?"

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

S. CRISTOVÃO

Na Lenda e no Sonho

A Lenda é a fantasia do que foi;
O Sonho é a fantasia do que ha-de ser.

I

DEPOIS que a furiosa investida de A'tila destruiu os restos dismantelados do velho mundo pagão, largos e dilatados séculos vivera a Europa numa barbarie quasi primitiva.

As hordas arrasadoras dos Gostes e Magostes, descidas em cavalgadas de prodigio até ás terras decadentes do Ocidente, traziam, no retrocesso ao primitivismo, a força de novos sangues: raziavam o campo fértil onde ia florescer uma nova civilização.

Já na bruma do esquecimento se perdiam os tempos aureos da Grecia e de Rôma, muitos séculos havia que as areias do deserto se peneiravam, tristes, sobre piramides e esfinges; Cartágo, mesmo, fóra tragada pela gula insaciável do seu Moloch pirata; e, no fundo azul do Mediterrâneo, o colosso de Rhodes repetia ás ondas inconstantes a inconstância dos homens e a amargura profunda do Ecclesiastes condenando a vaidade humana e a transitória apoteóse dos falsos ídoios.

Uma Era-Nova surgia do caos e do naufrágio de passadas, remotas civilizações, e uma luz suave de auróra iluminava os passos incertos das Nações em formação.

Na alvorada do Cristianismo erravam os homens por descampados e êrmos, rilhando a vida desconsolada e dura dos nómadas sem eira nem beira. A velha sabedoria refugiara-se no Oriente e era mastigada e cristianizada pela beneditina paciência de muitos monges.

Mas os povos, tresmalhados pela avalanche bárbara dos vândalos, perderam o sentido da vida colectiva e a Terra quedava abandonada e esteril. Uma ordem grosseira e rude se implanta por uma urgente necessidade social, e o feudalismo surge então a fi-

nar limites ao arbitrio sanguinário e rapinante das hordas e a ensaiar as primeiras bases de um novo direito e de novas instituições. Com a fundação de castelhanias e condados os povos não mais são tratados como vencidos pelos guerreiros vencedores. Embora a servidão da gleba tivesse ainda certas afinidades com a «clientela» romana, os primeiros servos que o feudalismo chumbou á Terra não podem já considerar-se escravos; eles realisam uma alta missão reconstructiva e organisadora na cooperação que emprestam ao desenvolvimento crescente e definido das nacionalidades.

Sem as instituições feudaes teriam sido abandonados e esquecidos os derrancados campos da velha Europa; eles seriam, talvez, ainda hoje extensos plainos marroquinos, por onde as tribus de Mafamede escoicinhariam os prados tenros em correrias ligeiras de albornoses brancos e cavalos pretos.

Graças a esse tóscico arremedo de Ordem, o nomadismo desapareceu; a mão grosseira e rude do homem desbravou a Terra, e edificou o tecto, e acendeu o lume sagrado nos lares para salvação propria e glória eterna do Deus verdadeiro.

Do monte expiatório do Calvário, a Luz suave do Cristianismo irradiava agora, mais vivos, seus raios de Justiça e de Resgate sobre os agonizados primeiros passos do Novo Mundo.

Com o rolar dos tempos pouco se haviam modificado as primitivas condições de servilismo; mas já nos alvares pávidos do ano Mil os povos se definiam e baluciavam, com a fé dos cruzados, as primeiras palavras de independencia e de vida colectiva.

Fraccionadas, dispersas, multiplicadas as primitivas «élites» guerreiras, novas «élites» se creavam na paz e na guerra, e novas necessidades dificultavam o encargo coordenador dos velhos senhores feudais. Os muros dos castelos abriam nas ilhargas brechas profundas por onde o casario escorria do outeiro até ao vale. E já, pelo atrito secular das gerações, os costumes bárbaros boleavam suas arestas vivas, as castelhanias e condados restringiam a pouco e pouco seu antigo direito sobre a vida e os bens dos vasallos; a servidão esmorecia num largo bocejo e como que procurando espreguiçar mais livremente as energias latentes. Vagarosamente as lanças abandonavam os altos castelos e as grossas muralhas. Depois da aventura mística da Terra Santa, os homens volviam mais nobres e melhores a autenticarem, nas longas narrativas dos serões do inverno, os passos gloriosos do Redentor em Jerusalem.

O feudalismo decaía, assim, por uma calma serenidade social — e, se o turco e o mouro infestavam ainda o Oriente e o Ocidente, já na Europa se caminhava para um mais sólido e equilibrado sistema social, enquanto as ferreas instituições feudais se enferrujavam e lentamente se subvertiam sem estrondo na vasa inconstante dos tempos e das idéas.

E neste formidavel periodo da gestação medievale que Eça de Queiroz descreve a lenda adoravel dessa figura ingenua, bronca e espiritual que foi S. Cristóvão.

Minha tarda sensibilidade se enterneceu até á comoção, e absorveu devotamente e se identificou com a simplicidade sublime do grande santo. Servo de castelo, o pobre lenhador — seu pae — vivia feliz sem ambições nem invejas, e a doce e saudavel companhia dos seus dias era mais que um sol dentro da sua tóscara arribana de rijos troncos.

Na volta da floresta onde rachára lenha todo o dia, recebida a ração do pão e da carne nas

ucharias senhoriaes, por entre a sombra cinzenta de copadas faias um anjo desce espalhando sobre aservas altas que se curvam sob o seu rasto de luz um cheiro forte de cravos e de incenso, e, anunciada a bôa-nova de um filho que seria santo, lentamente esfuma sua claridade e desaparece na mesma onda de celestial perfume. A' lareira modesta da aceada cabana, a bôa esposa se apressa, um pouco perturbada de orgulho e de pudôr, a confirmar a annunçiação angelical: — «Meu homem vamos ter um filho.» — E o humilde servo não soube mais que agradecer ao Senhor a felicidade suprema e a santidade que iria de futuro enriquecer de graças o seu casebre: — Bemdito seja Deus por eu te haver conhecido, mulher!»

Com a mesma religiosa unção eu bemdigo e louvo a Deus pelas horas que vivi para Ele na leitura das ultimas paginas do grande romancista. Em espirito evôco a colorida paisagem medieval e vejo o pesado castello de torres pontegudas recobertas de ardósia, a velha ponte de grosas correntes que os longos anos de paz enferrujaram, a força patibular apodrecendo á chuva e ao sol — ha muito perdida a lembrança do ultimo supplicado —, a tôrre erguida pelo conde de Ocitania e que o Diabo derrubára em suas gadabunhas gortantes e com seu báfo ardente, os galgos esguios de airosas castelãs e as rebecas gementes dos menestreis vagabundos.

... Por um inverno cláro e luminoso a bôa mulher do lenhador desentranhou-se num monstro negro, peludo e nodoso como a raiz torcida dum pinheiro bravo, e as lágrimas tristes dos pobres servos foram a primeira agua dum baptismo de desilusão.

E enquanto a pobre Mãe lentamente se finava «duma melancolia sem nome e sem fim», o futuro santo crescia e crescia tanto como a maguada paixão da desolada companheira do lenhador. Morria-se triste e desconso-lada na infinita amargura de um lindo sonho desfeito, mas, ao desprender da terra a resignada alma, o simples brutinho que ela julgára para sempre insensível ao som e á dor, arrancára de dentro do seu enorme corpo um grito alanceado e profundo: — «Oh! mãesinha, mãesinha, não durmas!»

Simples, dócil, calado e vago-roso, Cristóvão crescia sempre; aos domingos o seu olhar pas-mado contemplava o grande Cristo sangrento do altar, as sete espadas nuas de uma Virgem chorosa, os veludos ricos dos ornamentos, as altas colunas da Igreja romanica e os paramentos lha-mados do sacerdote — e sentia uma simpatia especial pela pomba branca de patas e bico rosa-do que abria as azas num vôo natural sôbre o sacrário.

Cá fóra fixava mudamente as coisas e os seres, vagueava pelos campos a vegetalisar-se na ver-dura, olhava firme o sol com seus olhos redondos, parados, taciturnos, e sua simplicidade comprazia-se então em se confundir e identificar com as arvores e as rochas, as aguas e as feras da selva, as flores e as aves alegres da floresta. Homem já — tão grande que a sua altura e a sua força haviam sido notadas pelos pagens e admiradas pelo bom castelão de barba ruiua e ponteagu-da, entre femininos e tímidos receios de lindas damas e casquinadas alvares do truão — crescera com a enormidade do corpo o seu amor por todas as coisas frá-géis da terra, por todas as creaturas de Deus. Num fim gelado de tarde de inverno, quando os primeiros flocos de neve carapi-nhavam os ramos despídos e torturados das fruteiras no pomar e os animais bravios se acuavam transidos, no fundo dos seus covís, o velho pai de Cristóvão tombava tão mansamente na mor-

te como placidamente lhe decor-rera a vida.

Dois dias e duas noites o gigantesco voseirão de Cristóvão atroou a aldeia, e os montes e os vales repetiram ao longe o cansado eco do seu angustiado clamôr.

(Continua)



Conde de Margaride

Como no ultimo numero noticiamos, teem-se acentuado, felizmente, as melhoras do sr. Conde de Margaride, com o que muito folgamos.

Passando hoje o aniversario natalicio de S. Ex.^a, apresentamos-lhe os nossos mais sinceros cumprimentos fazendo votos para que esta data se repita por dilatados anos.

Aniversários

Fazem hoje anos os nossos queridos e particulares amigos, srs. dr. Marcelino Fernandes e Joaquim Antunes de Castro.

Por tal motivo enviamos-lhes os nossos sinceros parabens fazendo ao mesmo tempo ardentes votos pela longa repetição desta data.

Partidas e chegadas

De visita a seu irmão e nosso presado amigo sr. Manoel Bernardo Alves, encontra-se nesta cidade a ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Conceição Alves, de Gouveia, tia dos nossos amigos srs. Manoel Alves de Oliveira, nosso dedicado camarada da redacção, e Francisco Alves de Oliveira.

Esteve ultimamente nesta cidade o sr. Antonio de Carvalho Cirne, antigo director do nosso presado colega local «Ecos de Guimarães».

Para a sua casa da Foz do Douro retirou o nosso illustre amigo sr. João de Paiva Leite Brandão.

A passar as ferias do Carnaval estiveram ultimamente nesta cidade os nossos presados conterraneos srs. Alberto Rodrigues Milhão e Eleuterio Martins Fernandes.

Deu-nos a honra da sua visita o nosso presado amigo e dedicado correligionario sr. Antonio Pinto, laureado aluno da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, que exerceu com muita dedicacção aos nossos principios, o cargo de vice-presidente da Junta Escolar Integralista, desta cidade.

Os nossos agradecimentos.

Carnaval

Os dias carnavalescos decorreram entre nós pouco animados. Ao que nos consta, as casas de espectaculos tiveram muita concorrência durante os 3 dias de Carnaval.

Poetas & Prosadores

Registo de entradas:

Nas curvas do caminho, por Rodrigues Pepino, a que faremos as merecidas referencias no nosso proximo numero.

Orfeon de Guimarães

Na séde da Juventude Católica, principiam no dia 20, pelas 9 horas da noite, os ensaios deste excelente grupo coral, que tanto nos tem sabido honrar.

Reparos...

Contribuições

Já lá vão os tempos aureos da propaganda em que os apóstolos clamavam por toda a parte que o povo era espoliado pela realeza... e não podia nem devia pagar mais.

Passam-se os tempos e os ministros de agora — os mesmos apóstolos ou discipulos depois do 5 de outubro, — veem dizer que nunca se cansarão de pedir mais impostos... para que o regabofe continue... para que os apaniguados estejam sempre fartos.

Contribue-se cada vez mais e quando se forma novo ministério — êles agora teem sido como os cogumelos — a primeira coisa que o novo senhor das finanças vem revelar... é que não ha dinheiro.

Para onde vai então o dinheiro? Para o sorvedouro...

E ninguém trata de pôr termo a tal. Agora mesmo acabamos de lêr no «Jornal de Noticias» — Varias Notas — que «ha quem veja carrapata grossa naquela historia dos orfãos da guerra, que recebem apenas nove escudos por mês, quando o capital é de trez mil contos! Para onde irá o resto dos juros?»

Ora para onde hão-de ir! Para a bolsa de qualquer benemerito. O país, como já o disse o actual presidente do ministério, tem estado a saque... e continua.

Escandalos

Do mesmo jornal e da mesma secção:

«— A proxima quinzena parlamentar vai ser uma quinzena e pêras. Vai haver de tudo: agua e tabacos, navios e conspirações. Vem aí o Carmo e a Trindade.»

O leitor já está calculando o que vai sair. **Escandalos, escandalos e escandalos.** Roubam-nos tudo, os almas do diabo!

A chave da porta

Até que enfim nos principiam a dar razão. A luta legal tam apregoada mostrou o seu benéfico efeito. Agora já se procura outro rumo — o rumo que nós sempre preconisamos e que nos valeu ser apontados ao governo da ré... publica como conspiradores... por alguém que tinha o dever de auxiliar todas as tentativas que levassem á Restauração. Mas, enfim, nem todos nasceram fadados para exercerem certos cargos. A chave da porta, como para aí lhe chamavam, saiu ferrugenta... e a fechadura outro tanto.

Outro rumo... Outro rumo... O rumo do Integralismo em tudo. Já Ramalho Ortigão, em 1911, apreciando os regimens politicos, dizia:

«Entre monarchia constitucional-parlamentar e républica parlamentar-constitucional não distingo diferença, nem considero sequer que ela exista, a não ser historicamente.»

O dilema está posto: **Por Portugal; Pelo Integralismo.** Que todos os portugueses sinceros o sigam para que a Nação se Restaura.

Dente de ouro

Pobre sr. Barbosa Viana. Sempre fez uma tam ridicula figurinha. Melhor fóra que estivesse calado. Aquela carta do dente de ouro... arrancou-lhe a mascara no momento em que o *sôr Barbosinha* mais dela precisava; a quadra carnavalesca. Tudo quanto o sr. disse... não passava de carnaval e toda a gente séria e limpa assim o tomou. *Dente de ouro* é que não esteve pela conta aturando as suas exhibições de arlequin e vai de aí... adeus mascara!...

Que decepção. Lá ficou o joquinho a descoberta... e os res-

ponsaveis tambem. Os criminosos do 19 de Outubro saíram do mesmo antro ou alfurja donde saiu o assassino de Sidonio Pais, que tem protecção oficial e é apontado... como libertadôr.

Com os do 19 de Outubro ha-de acontecer a mesma coisa...

E' questão de tempo e de occasião propria.

Que processos...

O nosso presado amigo, vogal da Junta Central do Integralismo Lusitano, sr. dr. Pequito Rebelo, alferes miliciano combatente da Flandres e Monsanto, consagrado autor dos *Novos Metodos de cultura*, que teve as mais elogiosas referencias de todos os criticos e agronomos mais em evidencia no nosso país, lançou a publico um folheto de propaganda intitulado *Cartilha do Lavrador*, que o nosso prezado colega do Porto «A Ideia Nacional» tem vindo transcrevendo.

Tal facto avespinhou um certo colega local que se intitula «A Razão» mas que neste como noutros casos não tem mesmo razão nenhuma como nenhuma razão de defeza teem os principios republicanos... que levaram o país ao lindo estado em que actualmente se encontra.

Vai de aí, apanha um punhado de lama que pretendeu lançar sobre aquele nosso amigo, com o epiteto de «lacaio»... mas em vez de atingir o alvo que o insultador pretendia, essa lama veio-lhe assentar na cara como uma luva...

São processos baixos... de politica réles, mesquinha e interesseira.

Jornalismo... não!...

S. Cristovão

Adorna-se hoje, o nosso semanário com a transcrição do excelente estudo de Cesar A. de Oliveira *S. Cristovão na Lenda e na Saudade* publicado no n.º 6 da brilhante revista *Nação Portuguesa*.

Ao seu autor e nosso presado amigo as nossas saudações por tão belo trabalho de cristianíssima poesia.

IMPRENSA

«A Voz do Trabalho»

Motivos vários impediram que, como haviamos noticiado, este bi-semanario integralista de Lisboa iniciasse a sua publicação no pretérito dia 5, devendo no entanto, aparecer á luz da publicidade no próximo dia 25. Será defensor da Verdade Sindicalista dentro dos principios do Integralismo Lusitano, tendo como colaboradores os dedicados dirigentes do movimento integralista. E' seu Director o nosso presado camarada sr. Caetano Joaquim dos Reis e redactores os nossos queridos amigos srs. A. Sousa Dias e Nicolau de Azevedo.

Inserirá colaboração de Felix Corrêa, Manoel Alves de Oliveira, Domingos Ribeiro, P.º Candido A. Ramos Caldas, Nuno Viegas, Henrique Dias de Carvalho, Manoel dos Santos Guerra, etc.

A redacção é na Calçada de Santo André, 50-4.º — Lisboa.

«Revista Musical»

Temos presente o n.º 2 desta excelente revista de vulgarisação musical que recomendamos a todos que se dediquem a tão sublime arte.

Alem da excelente colaboração e aspecto grafico, vem ilustrada com zincografias de Wagner, Piccini, Cimarosa, Bomtempo, Verdi e Ponchielli.

São seus proprietarios e editores a Agencia Stella, Limitada — Travessa do Alecrim, 3 — LISBOA.

«Gil Vicente»

A tódas as pessoas a quem enviamos o nosso jornal, pedimos o favor da sua devolução, no caso de não nos quererem honrar com a sua assinatura.

A' VENDA, BREVEMENTE

O Pensamento Integralista

::: SEUS FUNDAMENTOS :::
: HISTORICO-SCIENTIFICOS :
: RAZÃO & OPORTUNIDADE :
DO SEU OBJECTIVO SOCIAL
: : : & POLITICO : : : :

POR

FERNÃO DA VIDE

Pedidos á Administração da Nação Portuguesa — Largo do Directorio, 8-3.º — LISBOA.

FRATERNIDADE

COMPANHIA DE SEGUROS

Agente em Guimarães:

Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães

RUA DE PAIO GALVÃO, 88

JOÃO RIBEIRO

ALFAFETE

Modas e confecções

Rua 31 de Janeiro, 132 — GUIMARÃES

ARTIGOS RELIGIOSOS

IMPORTADOS DIRECTAMENTE DA

ALLEMANHA E FRANÇA

VENDEM:

A. D. Marques, Limitada

RUA DO OURO 200-4.º

LISBOA

A TENTADORA

Bernardino Almeida & Costa, L.^{da}

FAZENDAS BRANCAS, MODAS E MIUDEZAS

ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES

CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122-A

SEMPRE AS MAIORES NOVIDADES

EXPOSIÇÕES PERMANENTES

GUIMARÃES

A CONFIANÇA

MERCEARIA, CONFEITARIA E PAPELARIA

Especialidade em CHÁ E CAFÉ

VINHOS FINOS, LICORES E CHAMPAGNES

Depositarios das Aguas Bom-Jesus

Ferreira & Martins, L.^{da}

86 — RUA PAIO GALVÃO — 88

GUIMARÃES

Materiais para construção

Deposito de cal, cimento, tintas, vernizes e artigos concernentes para pintor e caiador. A casa que mais barato vende

Amandio Teixeira de Carvalho — RUA DE SAMPAIO

Cartilha Monarquica

Cartilha do Operario

PREÇO DE CADA 400 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

AO PUBLICO

Recomendamos os finissimos licores, xaropes, conhaques, genebras, o finissimo aniz cristalizado e o Ponche integral Dom Nuno fabricados com esmero por Alfredo de Oliveira

Vila da Feira

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao fabricante ou aos seus representantes:

No Porto:

OLIVEIRA & MACHADO

R. de Passos Manuel, 71

— E A —

PEROLA DO BOLHÃO

Rua Formosa

Em Espinho:

CADILON & C.^a L.^{da}

181, Avenida, 8, 203

Na Beira Baixa:

JOSÉ VICENTE

ALFERRAREDE

LEIAM

A Nação Portuguesa

REVISTA MENSAL DE CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e administração:

Largo do Directorio, 8 - 3.º — LISBOA

GIL VICENTE

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal

Ano	7\$500 reis
Espanha	9\$500 >
Africa	10\$500 >
Brazil	12\$500 >
Numero avulso	150 >

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Anuncios e comunicados, linha	200 reis
Repetições, por linha	100 >
Permanentes, contracto convencional	
Reclames, no corpo do jornal, até 5	
linhas, cada um	1\$500 >
Anunciam-se as publicações que o mereçam,	
mediante dois exemplares gratis.	
Anuncios, não judiciais, para os srs. assinan-	
tes, 20 por cento de abatimento.	

GIL VICENTE

Ano IV N.º 128

2.ª Série N. 5

Ex. Sr.